



RUI MORAIS  
MIGUEL BANDEIRA  
MARIA JOSÉ SOUSA  
[EDITORES]

# CELEBRAÇÃO DO BIMILÊNÁRIO DE AUGUSTO

*AD NATIONES.  
ETHNOUS KALLAIKON*

**CELEBRAÇÃO DO BIMILENÁRIO DE AUGUSTO**  
*AD NATIONES. ETHNOUS KALLAIKON*

*Homenagem a Maria Helena da Rocha Pereira*

RUI MORAIS  
MIGUEL BANDEIRA  
MARIA JOSÉ SOUSA  
[EDITORES]

# **CELEBRAÇÃO DO BIMILÊNÁRIO DE AGUSTO**

*AD NATIONES.  
ETHNOUS KALLAIKON*



# ÍNDICE

PRÓLOGO	8
INTRODUÇÃO	12
AUGUSTO EM SUETÓNIO	16
(OS) MITOS DO SÉCULO DE AUGUSTO	32
AUGUSTO EM PLÍNIO O ANTIGO	40
EL TERRITORIO GALAICO DURANTE LAS GUERRAS CÁNTABRAS: NUEVAS PERSPECTIVAS	54
PROBLEMÁTICAS E PERSPECTIVAS SOBRE A PRESENÇA MILITAR NO NOROESTE HISPÂNICO NO TEMPO DE AUGUSTO: O CASTRO DE ALVARELHOS	74
EL PROCESO DE URBANIZACIÓN DEL NOROESTE DENTRO DE LA POLÍTICA AUGÚSTEA	84
O URBANISMO NOS CASTROS MERIDIONAIS EN ÉPOCA DE AUGUSTO	96
A GALLAECIA MERIDIONAL EM TEMPOS DE AUGUSTO	112
DEL CASTRO A LA CIVITAS: DOMINACIÓN Y RESISTENCIA EN EL NOROESTE HISPANO	124
BRACARA AUGUSTA E A REDE VIÁRIA AUGUSTANA DO NOROESTE PENINSULAR	136
<i>BRACARUM OPPIDUM AUGUSTA</i> . OS DADOS DA CULTURA MATERIAL	152
EPÍLOGO	166

# AUGUSTO EM SUETÓNIO

**JOSÉ LUÍS BRANDÃO & DELFIM LEÃO**

(Universidade de Coimbra)

Para tratar de Augusto em Suetónio é necessário ter em conta as características gerais do género biográfico e o método específico usado pelo biógrafo dos Césares: assim se explicam a opção pelo método sistemático (de que decorre uma organização da narrativa por tópicos em vez de uma abordagem meramente cronológica), a tendência para resumir os feitos e guerras, o objecto da história política, e, em compensação, uma tónica colocada no carácter, ilustrado com abundância de exemplos catalogados e repartidos entre vícios e virtudes. A *Vida de Augusto* é a mais longa biografia suetoniana e considerada a mais perfeita do ponto de vista formal, pelo que ilustra bem o método do autor, menos evidente nas *Vidas* mais curtas (sobretudo as que vão de Galba a Domiciano). No decorrer da *Vida*, Suetónio deixa visíveis três grandes divisões, cada uma preenchida com diversas rubricas. No presente estudo, essa mesma estrutura expositiva será usada como referência para a análise da forma como o biógrafo trata a figura de Augusto<sup>1</sup>.

## 1. PER TEMPORAVS PER SPECIES

A narrativa cronológica em Suetónio é reservada, como é sabido, para o início e para a parte final das *Vidas*. Trata-se de uma consequência da primazia dada à análise do carácter, que para os antigos era considerado inato e imutável. Essa é também a razão para que as *Vidas* sejam iniciadas pela descrição dos antepassados (à excepção da vida de Tito e Domiciano, cuja ascendência se apresenta na *Vida* do pai). O indivíduo aparece assim integrado numa linhagem familiar, e a sua conduta pode ser, em parte, determinada por factores hereditários (Bradley, 1991, 3714-15). Parece significativo que o biógrafo refira, logo a abrir, a lenda que liga o clã dos Octávios ao culto de Marte, a partir de uma explicação etiológica para um pormenor de gosto antiquário<sup>2</sup>. A presença de Marte

<sup>1</sup> Boa parte do material deste estudo é inspirada em Brandão, 2009, *passim*.

<sup>2</sup> Um altar existente, consagrado por um Octávio, é pretexto para a narração de um facto mítico com valor etiológico: perante o anúncio de uma incursão dos inimigos, aquele antepassado de Augusto interrompeu o sacrifício a Marte, retirou do fogo as vísceras meias cruas, na urgência de dar combate, e saiu vencedor. A partir daí, por decreto, os sacrifícios a Marte seriam realizados da mesma forma e os restos oferecidos aos Octávios (Aug. 1).

é tanto mais importante quando este deus está na origem lendária de Roma e da *gens Iulia*. Mais do que estabelecer a origem da *gens* Octávia, Suetónio determina, desde logo, uma opinião favorável a Augusto, estabelecendo nos antepassados o fundamento da obra militar do futuro imperador (Aug. 20-25), bem como o seu respeito pela religião tradicional (Aug. 91-93; vide Gascou, 1984, 692). Nesta rubrica, Suetónio assume um tom apologético: mostrar, contra as opiniões dos detractores<sup>3</sup>, que a família paterna de Octávio era *praecipua* (Aug. 1), além de que a materna contava com muitos senadores e magistrados (Aug. 4.1).

Na parte cronológica inicial se inclui, de forma muito resumida (5-9), a ascensão do jovem Octávio sob a tutela de César. Mesmo nesta parte o biógrafo negligencia ou resume os aspectos da formação, para se deter mais sobre aspectos pressagios que promovem a aura mítica do futuro fundador do principado. Salienta-se que nasceu *paulo ante solis exortum*, numa alusão à conexão com o sol que será retomada já na parte final, na lista de presságios ocorridos ao longo da vida<sup>4</sup>. Acrescenta-se a nota de que um santuário foi erigido no local pouco depois da sua morte, e de que um sentenciado pede clemência apelando ao facto de ser proprietário do lugar que o *Diuus Augustus* tocou ao nascer (Aug. 5). Do mesmo modo, a casa onde foi criado ganha uma atmosfera de incubo, que se torna fonte de escrúpulo religioso para quem entra, apesar de, paradoxalmente, o local ser *permodicus et cellae penuariae instar*: um proprietário que (*seu forte seu temptandi causa*) se atreveu a pernoitar na casa foi expulso por uma *subita ui et incerta* e encontrado semiânime diante da porta, juntamente com a cama (Aug. 6)<sup>5</sup>. Depois de analisar os nomes (Aug. 7), Suetónio debruça-se sobre a actividade pública desde a perda do pai de Octávio. Parece inicialmente que se refere à fase anterior ao governo, mas subitamente no final desta secção (Aug. 8), depois de mencionar o regresso a Roma para reclamar a herança de César, faz uma síntese brevíssima de toda a vida de governante (Aug. 8.3): *Atque ab eo tempore exercitibus comparatis primum cum M. Antonio M.que Lepido, deinde tantum cum Antonio per duodecim fere annos, nouissime per quattuor et quadraginta solus rem p. tenuit* («E a partir dessa altura, recorrendo aos exércitos recrutados, deteve o poder, primeiro com M. António e Lépido, depois somente com António por cerca de doze anos e finalmente sozinho por quarenta e quatro anos»).

É precisamente neste ponto (Aug. 9.1) que o biógrafo apresenta a mais clara explicitação do seu método (é natural que houvesse outras indicações na parte inicial perdida da *Vida de César*): *Proposita uitae eius uelut summa, partes singillatim neque per tempora, sed per species exsequar, quo distinctius demonstrari cognoscique possint* («Apresentado que foi uma espécie de resumo da sua vida, vou agora prosseguir com os vários aspectos, um por um, não pela ordem cronológica, mas através de rubricas, para que se possa tornar mais evidente quer a exposição, quer a compreensão»). Está, portanto, delineada a distinção entre *per tempora* e *per species*<sup>6</sup>. Mais à frente (61.1) estabelecerá nova *partitio*, como se verá.

**3.** A polémica com Marco António começa logo a propósito da situação social do bisavô e avô paternos de Augusto (Aug. 2.3.), e da ascendência materna, a que se juntam também as acusações de Cássio de Parma (Aug. 4.2). Vide Grimal, 1986, 736; Gascou, 1984, 584-7.

**4.** Aug. 94.6: (...) *repertus est iacens contra solis exortum*. Segundo Grimal, 1986, 737, há uma aplicação a Augusto da união ao disco solar, praticada pelos faraós, que anuncia a predestinação divina do imperador e, portanto, esta lenda só poderia ter aparecido depois da integração do Egipto no Império.

**5.** Vide Picón García, 1984, 324-5. O topos messiânico de um lugar de origem surpreendentemente modesto para tão grande destino será explorado também a propósito de Vespasiano, apresentado como um salvador do Estado depois das guerras civis de 68-69 d.C.

**6.** Já na *Vida* anterior fizera esta distinção ao afirmar: *Ordo et summa rerum, quas deinceps gessit, sic se habent* (Jul. 34.1) («A sùmula ordenada das acções, que ele a seguir praticou, é a seguinte»). Mas, mais à frente, adopta outra forma de exposição: *Talia agentem atque meditantem mors praeuenit. De qua prius quam dicam, ea quae ad formam et habitum et cultum et mores, nec minus quae ad ciuilia et bellica eius studia pertineant, non alienum erit summatim exponere* (Jul. 44.4) («Realizava e projectava ele tais acções quando a morte o surpreendeu. Antes de falar desta, não será inoportuno expor aqui, em traços gerais, o que à sua figura e ao vestuário e à apresentação e aos costumes e, não menos, o que às suas ocupações civis e militares disser respeito»).

Portanto, no respeitante aos acontecimentos, quando organizados na sua ordem cronológica, irá apresentá-los *summatim*; os diversos aspectos da vida serão analisados *singillatim*<sup>7</sup>. Esta estrutura vai condicionar a transmissão dos acontecimentos próprios da História: em especial nos capítulos 9-25, onde vai tratar de questões militares, e 26-60, sobre cargos civis. Apesar de tudo, nestas partes há uma ordem cronológica relativa na apresentação das guerras e no exercício da magistraturas.

## 2. TRATAMENTO BIOGRÁFICO DOS ASSUNTOS DA HISTÓRIA POLÍTICO-MILITAR

### 2.1. Desempenho de assuntos militares<sup>8</sup>

A *Vida de Augusto* é um exemplo claro de que Suetónio não quer escrever história política mas biografia<sup>9</sup>. Ao tratar os feitos militares por tópicos, negligencia as causas e o contexto dos conflitos para os perspectivar na revelação da personalidade de Octávio. Em contrapartida, tem o mérito de preservar muitos factos negligenciados pela história política. Salienta desde logo o propósito de vingança – e é curioso que não refira aqui o termo *pietas* (como nota Baldwin, 1983, 248). Com efeito, começa esta parte com a afirmação peremptória de que a causa inicial de todas as guerras foi vingar a morte de César (Aug. 10.1). Trata-se de uma generalização: Octaviano só perseguiu os assassinos de César, depois da constituição do triunvirato. Aliás, logo o primeiro conflito, a guerra de Mútna, tem por motivação auxiliar Décimo Bruto contra António, que o assediava, embora seja verdade que no final se recusa a colaborar com o cesaricida. Em vez de descrever as batalhas, o biógrafo prende-se com questões de carácter: a suposta covardia na primeira batalha, segundo António, e intrepidez na segunda (Aug. 10. 2-4), a par da ambição e oportunismo, de acordo com o rumor da sua responsabilidade na morte, conveniente, dos cônsules Hírcio e Pansa<sup>10</sup>, para tomar conta dos exércitos consulares (Aug. 11).

Reduz a formação do segundo triunvirato a uma *societas*<sup>11</sup> com António e Lépido (13.1), colocando-o, assim, ao mesmo nível da aliança de César, Pompeio e Crasso. E, apesar da importância das batalhas de Filipos, Suetónio não descreve as manobras e centra-se nos acontecimentos que lhe sucederam, mas na versão mais trágica. Diz que Octávio enviou a cabeça de Bruto para Roma, para ser lançada aos pés da estátua de César, e ultrajou prisioneiros de elevada estirpe (Aug. 13.1)<sup>12</sup>. É de notar que, segundo Plutarco, António concedeu funerais dignos a Bruto, e não parece que os dois triúnviro agissem de modo tão diverso (Plutarco, *Ant.* 22.7 e *Brut.* 53.3; cf. Gascou, 1984, 178); e Díon, por sua vez, refere que António presidiu aos funerais e que a cabeça de Bruto foi enviada para Roma, onde nunca chegou, devido a um naufrágio, sem referir a responsabilidade de Octávio (Díon Cássio, 47.49.2. cf. Gascou, 1984, 183). É também de notar a omissão do naufrágio por parte de Suetónio, que assim pretende sugerir que a vingança foi completa.

Nesta parte (Aug. 13-15), o fio condutor não são as guerras de Filipos e Perúsia em si, mas a crueldade de Octaviano, os graves perigos de que escapou – um topos recorrente em Suetónio,

**7.** E esta posição continua a reiterá-la na biografia de Tibério (*Tib.* 42.1). Por vezes é preciso evitar a profusão de exemplos e escolher os mais representativos (*Tib.* 61.2). Cf. ainda *Cl.* 29. 1 e *Cal.* 37.3.

**8.** Divide esta parte em: *bella ciuilia quinque gessit* (Aug. 9); *Externa bella duo omnino per se gessit* (Aug. 20); *Graues ignominias cladesque duas omnino... accepit* (Aug. 23); *In re militari et comutauit multa et instituit* (Aug. 24).

**9.** Plutarco verbaliza a dificuldade em por vezes separar as duas no início da *Vida de Galba* (2.5), onde estabelece a distinção entre «história pragmática» e biografia. Sobre as características da biografia em Suetónio e Plutarco, vide Brandão, 2012, 18 ss.

**10.** Nesta guerra morrem os dois cônsules. Pansa, ferido na batalha de *Forum Gallorum*, junto de Mútna, a 15 de Abril de 43 a.C., morre depois; e Hírcio é morto na batalha de Mútna, a 21 de Abril.

**11.** O mesmo termo que usa para a aliança entre o impropriamente chamado 1º triunvirato: *ac societatem cum utroque iniit* (Jul. 19.2).

**12.** Em contrapartida, não menciona o suicídio de Cássio no termo da primeira batalha [cf. Tito Lívio (*Per*) 124.], talvez porque tal facto descentrasse a acção.

revelador dos caprichos da Fortuna – para terminar a gradação com um relato pouco credível de crueldade (*Aug.* 15)<sup>13</sup>:

*Perusia capta in plurimos animaduertit, orare ueniam uel excusare se conantibus una uoce occurrens 'moriendum esse'. Scribunt quidam trecentos ex dediticiis electos utriusque ordinis ad aram Diuo Iulio exstructam Idibus Martiis hostiarum more mactatos.*

Depois da tomada de Perúsia, tomou duras providências contra muitos. A quem tentava pedir perdão ou desculpar-se replicava com uma única sentença: 'é preciso que morras'. Relatam alguns que escolheu trezentos dos que se renderam, de uma e outra ordem, e os imolou nos Idos de Março, junto ao altar erigido ao Divino Júlio, como é costume fazer com os animais dos sacrifícios.

De igual modo, o tratamento da guerra com Sexto Pompeio centra-se nos temas das fracas qualidades militares (*Aug.* 16.2-3) e perigos que correu nessa altura. Na guerra da Sicília, vence Sexto Pompeio, em Milas e Náuloco; mas, na hora de começar o combate, é acometido de um sono profundo. Por isso António o acusa de falta de coragem. Este sono seria realmente pouco dignificante, se não fosse decalcado de uma anedota semelhante que se conta a propósito de Alexandre Magno, na véspera da batalha de Gaugamelos (*Plu. Al.* 32). Na verdade, Octaviano nem estava a bordo. Quem comandava era Agripa. Suetónio combinará um relato da propaganda de Octávio com um da contrapropaganda de António acerca do alegado medo do seu rival (Franco, 1989, 257-64). E no que toca ao relacionamento com Marco António, comprime os avanços e recuos entre 41 e 33 numa pequena frase (*Aug.* 17.1: *M. Antonii societatem sempre dubiam et incertam reconciliationibusque uariis male facillatam abruptit tandem*), sem sequer mencionar os acordos de Brundísio (em 40) e de Tarento (em 37), mas saltando de imediato para os acontecimentos de 32-31 a.C., salientando a determinação de Octaviano, mas também a tolerância para com os clientes do adversário. Refere a vitória de Áccio (*Aug.* 17.3), mas, como habitualmente, não descreve a batalha, preferindo demorar-se no desfecho trágico dos amantes e nas atitudes ambivalentes do protagonista (*Aug.* 17.4-5):

*Et Antonium quidem seras condiciones pacis temptantem ad mortem adegit uiditque mortuum. Cleopatrae, quam seruatum triumpho magno opere cupiebat, etiam psyllon admouit, qui uenenum ac uirus exurgerent, quod perisse morsu aspidis putabatur. Ambobus communem sepulturae honorem tribuit ac tumulum ab ipsis incohatum perfici iussit. Antonium iuuenem, maiorem de duobus Fulviae genitis, simulacro Diui Iuli, ad quod post multas et irritas preces confugerat, abreptum interemit. Item Caesarionem, quem ex Caesare patre Cleopatra concepisse praedicabat, retractum e fuga supplicio adfecit. Reliquos Antonii reginaeque communes liberos non secus ac necessitudine iunctos sibi et conseruauit et mox pro condicione cuiusque sustinuit ac fouit.*

E a António, que pedia, já tarde, condições de paz, empurrou-o para a morte e viu-o morto. Quanto a Cleópatra, que ele desejava com grande empenho preservar para o seu triunfo, recorreu aos psilos, para que lhe sugassem o veneno e a peçonha, já que se julgava que ela perecera devido à mordedura de uma áspide. A ambos honrou com sepultura comum e mandou acabar o túmulo por eles mesmos começado. Ao jovem António, o mais velho de dois filhos que António tivera de Fúlvia, arrebatou-o à estátua do Divino Júlio, junto da qual, depois de muitas e vãs preces, se refugiara, e matou-o. Do mesmo modo, a Cesário, que Cleópatra proclamava ter concebido de César, depois de o apanhar na fuga, entregou-o ao suplício. Quanto aos restantes filhos comuns de António e da rainha, sem qualquer diferença em relação aos que a si estavam unidos pelo parentesco, não só os poupou, como depois, segundo a situação de cada um, os tomou a seu cargo e favoreceu.

**13.** Cf. Díon, 48.14.4. Suetónio é mais severo para Octávio: omite o perdão concedido a Lúcio António e acrescenta a nota *moriendum esse* que não vem em Díon; como observa Gasco, 1984, 197. Carter, 1982, 104, nota que o facto é inverosímil e que próprio Suetónio não acredita na história.

Suetónio inclui nesta secção a quantidade de conjuras que o ameaçaram (*Aug.* 19) e as guerras externas (20-23), de que se depreende uma imagem justa (*Aug.* 21.2), de *uirtus* e *moderatio*, promotora das relações diplomáticas com os povos remotos (Indos e Citas) e da devolução dos estandartes tomados pelos Partos a Crasso e a António (*Aug.* 21.3); bem como a política de paz, simbolizada pelo encerramento do templo de Jano (*Aug.* 22). Elencam-se ainda as derrotas, com destaque dramático para a de Quintílio Varo na floresta de Teutoburgo, em 9 d.C. (*Aug.* 23.2):

*Vouit et magnos ludos Ioui Optimo Maximo, si res. p. in meliorem statum uertisset: quod factum Cimbrico Marsicoque bello erat. Adeo denique consternatum ferunt, ut per continuos menses barba capilloque summisso caput interdum foribus illideret uociferans: 'Quintili Vare, legiones redde!' diemque cladis quotannis maestum habuerit ac lugubrem.*

Fez até um voto de dedicar grandes jogos a Júpiter Ótimo Máximo, se mudasse para melhor a situação do Estado, como tinha acontecido nas guerras com os Cimbricos e com os Marsos. Em suma, diz-se que ficou tão transtornado que, durante meses a fio, deixando crescer a barba e o cabelo, batia de quando em quando com a cabeça nas portas e bradava: 'Quintílio Varo, devolve as legiões!' E o dia da derrota todos os anos o considerou de tristeza e de luto.

Como fizera para César, acrescenta ainda uma rubrica sobre a relação com o exército, a disciplina e as capacidades de comando (*Aug.* 24-25), ilustrada com cópia de exemplos.

## 2.2. Desempenho de cargos civis (26-60)

O tratamento das magistraturas (26-28) – consulado, triunvirato, governo autocrático – implica uma analepse e, conseqüentemente, a imagem negativa é de novo retomada na descrição da atitude de Augusto durante o triunvirato e as proscricções. O biógrafo introduz agora elementos que havia omitido quando da referência vaga à formação do triunvirato (13.1). Diz o biógrafo que Augusto, embora se opusesse inicialmente às proscricções, as aplicou depois com maior rigor e que foi o único que se esforçou para que ninguém fosse poupado (*Aug.* 27.1). Esta visão é mais negra que a generalidade dos outros testemunhos, talvez para acentuar o contraste com a futura atitude. Com efeito, Veleio Patérculo (2.66) e Plutarco (*Ant.* 20-21, *Brut.* 27-28, *Cic.* 46-49) censuram António e Lépidio pelo excesso das proscricções; Díon Cássio (47.3-13) desculpa Octávio e diz que salvou muita gente. Suetónio acrescenta que Octávio proscreveu até o seu tutor e colega de seu pai, C. Torânio, mas nada diz sobre o mais famoso dos proscritos: Cícero<sup>14</sup>. Talvez, neste caso, tivesse relutância em lembrar as indignas circunstâncias do fim do grande orador<sup>15</sup>. Não que descrições mórbidas desagradassem ao biógrafo, mas, neste caso, a execução não fora da responsabilidade directa de Octávio, em quem a biografia se centra.

A intenção, duas vezes abandonada, de restaurar a República inspira a Suetónio um comentário que, embora seja um tanto elíptico, parece sugerir aprovação: *dubium euentu meliore an uoluntate* (*Aug.* 28.1) «é duvidoso se foi melhor o resultado ou a intenção»<sup>16</sup>. Embora o próprio Augusto

**14.** Sobre a responsabilidade nas proscricções e sobre a omissão de Cícero, vide Southern, 1998, 55-9 e n. 14 (p. 217); McDermott, 1972, 495-9. Suetónio já omitira Cícero em 12, ao envolvê-lo na designação genérica *alii* para designar aqueles que chamavam *puer* a Octávio. Suetónio sabe muito bem que Cícero o fizera: bastaria ler as cartas (*Att.* 16.8.1; 16.11.6). McDermott, 1972, 497, lembra que Cícero nunca aparece em Suetónio, senão como autoridade final incontestada.

**15.** Sabe-se que Suetónio admirava Cícero, provavelmente através de Quintiliano. Basta pensar que uma das obras perdidas, referenciadas na Suda, é uma defesa do *De republica* de Cícero contra os ataques de Díonimo. Sobre o ciceronianismo e o segundo classicismo de Suetónio, vide Della Corte, 1967, 29-53, e Cizek, 1977, 14-25.

**16.** Foram igualmente bons o propósito de Augusto de renunciar à República e os efeitos do novo regime, segundo a interpretação dada na ed. Loeb, de Rolfe, 1913, 164 n.b, e seguida por Gasco, 1984, 719.

afirme nas *Res Gestae* (34) que transferiu a *res publica* do seu poder para o *arbitrium* do senado e do povo romano, Suetónio, realista, não o segue, nem sequer evoca aqui a noção de principado – trata-se de um regime totalmente novo. Com efeito, em *Cal.* 22.1, Suetónio fala de uma *species principatus*, demonstrando ter consciência de que o nome de *princeps*, e, por consequência, *principatus*, é uma forma hábil de iludir os legalistas, se bem que neste passo também pareça ser uma forma de caracterizar negativamente a fase mais positiva do principado de Calígula (Gascou, 1984, 783-5). O biógrafo dá a palavra a Augusto, através de um edicto, onde este se apresenta como o autor de um «novo regime» (*nouus status*) e como tal deseja ser lembrado à hora da morte (*Aug.* 28.2)<sup>17</sup>:

*'Ita mihi saluam ac sospitem rem p. sistere in sua sede liceat atque eius rei fructum percipere, quem peto, ut optimi status auctor dicar et moriens ut feram mecum spem, mansura in uestigio suo fundamenta rei p. quae taceret.' Fecitque ipse se compotem uoti nisus omni modo, ne quem noui status paeniteret.*

'Assim me seja permitido consolidar o Estado são e salvo nos seus fundamentos e daí recolher o fruto que almejo, de ser proclamado autor do melhor regime e de levar comigo, ao morrer, a esperança de que permanecerão no seu lugar os alicerces do estado que eu tiver lançado'. Ele mesmo se encarregou a si próprio do voto, esforçando-se de todos os modos para que ninguém ficasse insatisfeito com o novo regime.

Portanto, classifica Augusto como *auctor*, para sublinhar que se trata de uma ordem nova, baseada na *auctoritas*, neste caso congruente com o que Augusto afirma no referido passo das *Res Gestae*, de que está acima de todos em autoridade e não em poder.

A partir daqui, o biógrafo descreve a política administrativa interna e externa do longo governo de Augusto (28.3-60; vide Baldwin, 1983, 241-3): as construções, administração da cidade, religião, segurança, justiça, legislação, senado, eleições, aprovisionamento, entretenimento, administração provincial, distribuição das forças militares, correios, culto imperial, recusa da ditadura e exemplos de moderação. Todos estes aspectos são, como é hábito, ilustrados com exemplos e ditos célebres do biografado.

A narrativa da actividade governativa é longa, como o foi o governo de Augusto, mas contribui também para afastar da memória do leitor os cruéis actos do jovem ambicioso e substituí-los pelo novo retrato, formado a partir das inúmeras acções do bom governante. Sugere-se um processo de maturação que culmina em relatos de *clementia* (51) e *ciuilitas* (52-56), em contraste com as atitudes do jovem cruel. Em tal «ficção» biográfica, a ambição do poder gerou um Octávio calculista e cruel; o exercício do poder tornou-o magnânimo; ou revelou a sua verdadeira essência. O biógrafo não questiona a sinceridade da mudança (Séneca, *Cl.* 1.9-11, não acredita nesta clemência; vide Néraudau, 1996, 17); trata-se de uma lição prática de moral política. Aprova implicitamente a atitude, teatral e suspeita, do imperador, caindo de joelhos e de peito desnudo, a suplicar ao povo que lhe não oferecesse a ditadura (*Aug.* 52), horrorizado com o título servil de *dominus*, e a censurar por um edicto a saudação «*O dominum aequum et bonum*» e os aplausos que provocou (*Aug.* 53.1). Fora esta saudação pronunciada durante um mimo. Mais adiante Augusto assumirá que representara o seu mimo da vida. Por agora, Suetónio faz saber que Augusto obtém o prémio da estima geral e procura demonstrar que tal estima é sincera (*Aug.* 57.1). Seguem-se, no clímax desta secção, manifestações de apreço, apresentadas gradualmente e encaradas como actos espontâneos das várias ordens (*Aug.* 57.1). Para obter o efeito, Suetónio não hesita em simplificar e generalizar as aclamações (como demonstra Gascou, 1984, 206-41). A gradação culmina com a atribuição do cognome de *Patris patriae*, que corresponde, paralelamente, ao fastígio da consolidação do poder de Augusto (*Aug.* 58.1). A partir de uma acção que deveria ser um acto calcu-

<sup>17</sup>. O edicto parece mais do contexto de 17-16 a.C., em que se inaugurou uma nova era com os *Ludi Saeculares*, pelos ecos do vocabulário das cunhagens. Vide Carter, 1982, 128.

lado e concertado no final de um longo processo<sup>18</sup>, Suetónio cria uma cena espontânea, quase comovente (*Aug.* 58):

*Patris Patriae cognomen uniuersi repentino maximoque consensum detulerunt ei: prima plebs legatione Antium missa; dein, quia non recipiebat, ineunti Romae spectacula frequens et laureata; mox in curia senatus, neque decreto neque adclamatione, sed per Valerium Messalam is mandantibus cunctis: 'Quod bonum', inquit, 'faustumque sit tibi domuique tuae, Caesar Auguste! Sic enim nos perpetuam felicitatem rei p. et laeta huic precari existimamus: senatus te consentiens cum populo R. consalutat patriae patrem'. Cui lacrimans respondit Augustus his uerbis — ipsa enim, sicut Messalae, posui —: 'Compos factus uotorum meorum, p. c., quid habeo aliud deos immortales precari, quam ut hunc consensum uestrum ad ultimam finem uitae mihi perferre liceat?'*

Ofereceram-lhe o cognome de Pai da Pátria, por espontâneo e supremo acordo universal. A plebe ofereceu-lho, primeiro, através de uma delegação enviada a Âncio, depois, como ele não aceitava, em peso e coroada de louros, no momento em que ele entrava para uns espectáculos em Roma; em seguida foi o senado, na Cúria, não por decreto ou por aclamação, mas por intermédio de Valério Messala. Este, em nome de todos, disse: 'Seja isto bom e propício para ti e para a tua casa, César Augusto! Assim, de facto, nós julgamos que estamos a pedir a eterna felicidade para o Estado, bem como a sua prosperidade: o senado, em consonância com o povo romano, te saúda como Pai da Pátria.' Respondeu-lhe Augusto, de lágrimas nos olhos, com estas palavras — transcrevi-as literalmente, como fiz para Messala —: 'Dado que obtive o cumprimento dos meus votos, patres conscripti, que outra coisa hei-de pedir aos deuses imortais, a não ser que me seja permitido manter este vosso acordo até ao derradeiro momento da vida?'

Timonen (1993, 135-6) faz notar que «Suetonius succeeds in reconstructing a «glory effect» by the use of direct oration and by emphasis on *consensus*». Segundo Gascou (1984, 215-20), Suetónio teria usado a autobiografia de Messala Corvino, cuja toada sentimental e lírica estava mais de acordo com a intenção do biógrafo de sublinhar a espontaneidade da estima geral para com Augusto. É que, com este título, se cumpre o voto que fizera atrás de ser o *auctor* do *optimus status*<sup>19</sup>. Seguem-se outras manifestações públicas de reconhecimento apresentadas numa gradação – anónimos, «alguns pais de família», «algumas cidades de Itália», «a maior parte das províncias», a culminar em «reis amigos e aliados» (... *nonnulli patrum familiarum... quaedam Italiae ciuitates... prouinciarum pleraeque: Aug.* 59-60) – ampliada pela generalização: dizer que cada rei (*singuli in suo quisque regno*) fundou uma cidade com o nome de Cesareia parece um exagero para acentuar a popularidade de Augusto (*Aug.* 60)<sup>20</sup>.

<sup>18</sup>. Vide Baldwin, 1983, 128; Gascou, 1984, 217; Southern, 1998, 179-80.

<sup>19</sup>. Esta gradação sugerida por Suetónio parece confirmar a opinião de Salmon, 1956, 456-78. Segundo este autor, o título de *Pater Patriae*, atribuído em 2 a.C., normalmente visto como puramente honorífico, é, na realidade, o culminar da evolução do principado de Augusto (mais do que em 19 a.C. com a atribuição do que Dion Cássio, 54.10.5, chama 'poder dos côsules'), pois o próprio Augusto termina as *Res gestae* com a sua citação como Pai da Pátria, o que deixa a impressão de que é para ele o ponto máximo da sua carreira.

<sup>20</sup>. Além disso, Suetónio, ao dizer que os reis se apresentavam de toga a Augusto (privilégio exclusivo daqueles a quem fora concedida a cidadania romana) e sem insígnias reais, parece concentrar em uma amálgama duas situações distintas, para, de forma «impressionista», melhor demonstrar *quanto opere dilectus sit*, como diz Gascou, 1984, 232-8; 240-1.



### 3. TRATAMENTO DA VIDA PRIVADA

#### 3.1. Rubricas descritivas

Tal como fizera para César (*Jul.* 44.4), Suetónio, para tornar mais clara a organização *per species*, recorre a uma *partitio* ou *diuisio*<sup>21</sup>, de forma a resumir o que expôs anteriormente e introduzir o que se segue (*Aug.* 61.1) – a vida privada<sup>22</sup>: família, costumes e hábitos até ao final da vida. Conclui que, à parte o amor por Lívia (*Aug.* 62.2: *dilexitque et probauit unice ac preserueranter*), Augusto foi uma vítima da *Fortuna*, que lhe defraudou a alegria e a esperança na descendência e na disciplina da casa (*Aug.* 65.1: *sed laetum eum atque fidentem et subole et diciplina domus Fortuna destituit*; a mesma ideia em Tácito, *Ann.* 3.24.2), com o opróbrio da filha e da neta, as duas Júlias, a quem se viu obrigado a exilar, e a morte dos netos. Ao referir os desmandos de Júlia, Suetónio não explora a questão política da desobediência a leis, que Augusto impusera com grande oposição (*Aug.* 34.1)<sup>23</sup>; não presta atenção às acções das mulheres em si mesmas; não discute a veracidade das afirmações, nem condena os comportamentos. Mantém-se centrado nas reacções de Augusto (Vidén, 1993, 85), daqui resultando a exploração dramática do sofrimento de um pai incapaz de suportar a desonra dos filhos (*Aug.* 65.2):

*Aliquando autem patientius mortem quam dedecora suorum tulit. Nam C. Lucique casu non adeo fractus, de filia absens ac libello per quaestorem recitato notum senatui fecit abstinuitque congressu hominum diu prae pudore, etiam de necanda deliberauit. Certe cum sub idem tempus una ex consciis liberta Phoebe suspendio uitam finisset, 'maluisse se' ait 'Phoebes patrem fuisse'.*

Supportava bem melhor a morte dos seus do que o opróbrio. De facto, a tragédia de Gaio e de Lúcio não o quebrou tanto; sobre a filha, informou o senado sem comparecer e serviu-se de um libelo lido por um questor e longo tempo se absteve, por vergonha, do convívio dos homens; e chegou mesmo a ponderar a morte dela. Certo é que, pela mesma altura, como uma das cúmplices, a liberta Febe, pôs termo à vida por enforcamento, ele declarou que 'teria preferido ser o pai de Febe'.

O mesmo acontece com a obscura *abdicatio* e exílio de Agripa, filho póstumo de Agripa e de Júlia, pouco tempo antes adoptado por Augusto, juntamente com Tibério. Suetónio transmite, sem comentários, a razão oficial: o *ingenium sordidum ac ferox* de Agripa (*Aug.* 65.1 e 65.4). Mas não fica claro por que razão Suetónio diz que Agripa, no exílio, foi entregue a uma guarda de soldados e Augusto tratou, mediante um decreto do senado, de perpetuar o exílio na ilha. A excessiva segurança faz o leitor suspeitar de que haveria outras razões ligadas à sucessão dinástica. Se houve

**21.** Recurso retórico introduzido por Hortênsio na oratória romana, segundo nos diz Cícero (*Brut.* 302; cf. *Div. Caec.* 45; *Inv.* 1.31); usado por vários escritores latinos, entre os quais Cícero, e presente já na biografia antiga, no *Epaminondas* (*Ep.* 1.4) de Cornélio Nepos, como também na *Ciropeia* (1.1.6) de Xenofonte e no *Evágoras* (22) de Isócrates. Segundo Townend, 1967, 84-7, é o método do gramático transformado em biógrafo. Vide Wallace-Hadrill, 1984, 44-9; Lewis, 1991, 3663-4; Warmington, 1999, ix.

**22.** *Quoniam qualis in imperis ac magistratibus regendaque per terrarum orbem pace belloque re p. fuerit, exposui, referam nunc interiorem ac familiarem eius uitam quibusque moribus atque fortuna domi et inter suos egerit a iuuenta usque ad supremum uitae diem.* A partir de *Jul.* 44.4 e *Aug.* 61.1, estabelece-se a distinção entre vida pública e vida privada. Mas esta separação está longe de ser absoluta e fica diluída na oposição entre virtudes e vícios, como sugere Cizek, 1977, 62-64. Vide Wardle, 1994, 27.

**23.** Quanto a uma possível teoria da conspiração, Southern, 1998, 179, não acredita que Júlia fosse castigada por estar envolvida, juntamente com os amantes, numa conjura contra Augusto, mas pela questão moral. De opinião contrária se mostra Néraudau, 1996, 227-31, pois Júlia reunia à sua volta um grupo de potenciais agitadores: Iúlio António, filho sobrevivente de António e Fúlvia, mais tarde condenado à morte; Semprónio Graco e Cipião, sobrinho de Escríbónia.

**24.** Vide ainda Levick, 1972, 674-97; Southern, 1998, 186 e n. 7 pp. 253-4.

conspiração, não ficou provada. Mas Lúcio Audásio e Asínio Epicado tinham um plano para a evasão de Agripa e Júlia e para os apresentar aos exércitos (*Aug.* 19.2): provavelmente seriam os executores de uma intentona, a que talvez Escríbónia, que acompanhara a filha Júlia no exílio, não fosse alheia (como sustenta Néraudau, 1996, 250<sup>24</sup>). Ainda mais obscuro é o exílio da neta, impedida até de reconhecer e educar o filho que lhe nasceu depois da condenação (*Aug.* 65.4)<sup>25</sup>: permanece o mistério desta tripla tragédia. O facto de Suetónio, por força da exposição *per species*, tratar em conjunto os três destinos contribui para aumentar o *pathos*. O sofrimento do monarca é também explorado a propósito das traições dos amigos, como o processo de Cornélio Galo, o malogrado perfeito do Egipto, de quem chora a sorte (*Aug.* 66.2: *'quod sibi soli non liceret amicis, quatenus uellet, irasci'*), «porque só a ele não era permitido irritar-se com os amigos até onde quisesse»; mas também da susceptibilidade de Agripa, que, por causa da alegada preferência para com Marcelo, se retira para Mitilene, e da indiscrição de Mecenas, que contou à esposa segredos de estado (*Aug.* 66.3).

A *Vida* torna-se burlesca quando é o próprio Augusto a quebrar as leis que propusera. De facto, esta *Vida* parece balançar entre a tragédia e a comédia (Néraudau, 1996, 26-8). A *uariorum dedecorum infamia* de Augusto é apresentada de forma jocosa. A acusação de efeminado e de se prostituir a César e a Hircio é feita por Sexto Pompeio, Marco António e Lúcio António<sup>26</sup>. Percebe-se que são *topoi* da invectiva política romana, retirados do contexto político e integrados na construção do carácter do biografado.

Do mesmo modo, os inegáveis adultérios de Augusto, justificados como meio eficaz de espionagem, são exemplificados com acusações de António, retiradas do contexto da polémica, a terminar com a transcrição de uma carta de António que serve o propósito de informar o leitor, no que diz respeito às amantes de Augusto, e o do humor, que resulta da franqueza da linguagem, por recurso a termos obscenos (*Aug.* 69.2). Não está em causa a motivação destas acusações — trata-se de um contra-ataque de António perante a acusação de imoralidade, devido à sua ligação a Cleópatra e repúdio de Octávia (cf. Southern, 1998, 92-3) —, mas o contributo que trazem para o conhecimento da vida sexual de Augusto. Também a *vox populi* vem reprovar, com versos cómicos, um sacrílego «festim dos doze deuses», em que Augusto se vestiu de Apolo, bem como a sua apetência por vasos coríntios e o vício do jogo dos dados (*Aug.* 70.1-2)<sup>27</sup>. Os piores governantes são libidinosos e exercem a sua tirania também no domínio sexual: através do abuso de matronas, dos incestos, que lembram as uniões dos monarcas egípcios, através da sodomia e do sadismo. Mas a colocação da rubrica da vida sexual do imperador na estrutura da biografia fornece a chave de leitura: no caso de Augusto, como no de César, a rubrica integra-se, como se vê pelo conteúdo da *diuisio* que a antecede, na descrição da vida privada (*Aug.* 61.1, cf. *Jul.* 44.4), o que lhe dá uma aparência mais objectiva e neutral. Com Vespasiano, é dissimulada na descrição da vida diária (*Ves.* 21). Já para Tibério, a rubrica dos comportamentos sexuais é colocada entre os *cuncta simul uitia male diu dissimulata* (*Tib.* 42 ss); para Calígula, na descrição do *monstrum* (*Cal.* 22 ss); para Nero, entre os *probra ac scelera* (*Nero* 19.3 ss) — uma apresentação subjectiva, que pressupõe um julgamento moral desfavorável à partida.

O próprio Augusto refuta a acusação de ser efeminado, com a *castitas*, e a de gostar da sumpuosidade, com o desprendimento. Mas Suetónio quer desculpar Augusto também do adultério e do vício do jogo: o abuso da mulher de um cônsul, à frente do marido (*Aug.* 69.1), não é apresentado

**25.** Graves seriam as acusações para suportar os vinte anos de exílio que refere Tácito, *Ann.* 4.71.4. O marido, Lúcio Emílio Paulo, foi acusado de conspiração (*Aug.* 19.1) e não se lhe conhece o destino; a filha dela, Emília Lépidia, casada com Cláudio, foi repudiada ainda virgem, *quod parentes eius Augustum offenderant* (*Cl.* 26. 1), sem se especificar o tipo de ofensa.

**26.** O povo entende como referido a Augusto o verso dito em cena a propósito de um sacerdote de Cibele que tocava tambor frígio: *'Videsne, ut cinaedus orbem digito temperat?'* (*Aug.* 68). A graça resulta do equívoco de *orbe*, entendido como o «círculo do tambor» e o «globo da terra». A referência aos *Galli*, sacerdotes castrados de Cibele, como *cinaedi* é um *topos* da comédia e da poesia epigramática.

**27.** Os jogos de azar estavam proibidos em Roma, excepto durante as Saturnais; cf. Néraudau, 1996, 113-14.

com a gravidade que assume quando atribuído ao *monstrum* Calígula (*Cal.* 25.1 e 36.2; cf. Baldwin, 1983, 245). E entre a apresentação dos vícios (sodomia, adultérios, sumptuosidade, vício do jogo) e a refutação (sodomia, sumptuosidade, adultérios, vício do jogo), a alteração da ordem (adultérios, sumptuosidade/sumptuosidade, adultérios) visa uma desculpabilização que deixa para o final, como menores, os que não podem ser refutados: o adultério e o vício do jogo (71.1). Suetônio apresenta-os mesmo, contraditoriamente, como boatos (*ut ferunt... aleae rumorem*) que acaba por confirmar, na tentativa de os minorar: a luxúria é desdramatizada com a complacência de Lívia, pois diz-se que esta lhe forneceria virgens para ele desflorar (*Aug.* 71.1; Dión Cássio, 58.2.5, diz que Lívia soube conservar o marido, porque teve a inteligência de tolerar as estroinices dele); o vício do jogo, com a franqueza de Augusto que «de nenhum modo recebeu o boato e jogou sinceramente e às claras para se distrair», e confessava em cartas a Tibério e a Júlia que era apaixonado pelo jogo dos dados (*Aug.* 71. 2-3). A desculpabilização é reforçada, logo a seguir, pelo exemplo (*Aug.* 72.1: *in ceteris partibus uitae continentissimum constat ac sine suspicione ullius uitii*): «Na restante parte da vida, consta que foi muito sóbrio e sem suspeita de outro vício». Nesta altura da *Vida*, o biógrafo já não quer acentuar os traços negativos. É de moderação o longo retrato fornecido a seguir (72-78).

Começa a emergir a imagem divina, sugerida pelo rubrica relativa à aparência física, não só pela sua *forma eximia*, resistente ao tempo (*Aug.* 79.1: *forma fuit eximia et per omnes aetatis gradus uenustissima, quamquam et omnis lenocinii negligens*), mas sobretudo pela serenidade do rosto que demove um assassino; pelo *quiddam diuini uigoris* do olhar, que faz baixar os olhos dos interlocutores, e pela *commoditas et aequitas membrorum* que o fazem parecer maior<sup>28</sup>, e que lembram o seu deus tutelar, Apolo (*Aug.* 79.2-3; cf. Grimal, 1986, 734)<sup>29</sup>. Parece haver uma tensão entre a deificação da imagem, que já estava na tradição (Martin, 1991, 56; Néraudau, 1996, 23), e o realismo do biógrafo. Suetônio compõe primeiro o retrato físico do deus (79) e depois o do homem com as suas enfermidades (80-82).

É o momento de Suetônio introduzir, em tom laudatório, a actividade intelectual de Augusto: o cultivo da eloquência e os estudos liberais (84-89), apanágio dos bons imperadores. Nesta rubrica se espelham as tendências estilísticas de Suetônio, porquanto sugere razões para a sua adesão implícita ao *genus eloquendi elegans et temperatum* de Augusto (*Aug.* 86), demarcando-se de duas tendências principais de seu tempo: o aticismo arcaizante, e o asianismo da nova moda, cultivada por Séneca e pela escola de Lucano<sup>30</sup>. Augusto evita as *sententiarum ineptiae*, a *concinnitas* e os *recondita uerba*; acusa quer os *cacozeli* quer os *antiquarii* de caírem em vícios contrários entre si; censura Mecenas pelo que chama *myrobrechis cincinni*; reprova a Tibério a busca de *exoletae et reconditae uoces*; ataca António por escrever *quae mirent potius homines quam intellegant*. Como observa D'Anna (1954, 94-5), nenhum outro imperador merece a Suetônio uma análise tão precisa e tão extensa em relação ao estilo.

A rubrica da *religio* permite mostrar o respeito de Augusto pelos deuses, o favor que ele obtém deles, bem como a sua natureza sobre-humana. Procura demonstrar que muitos êxitos passados se deveram a protecção divina e à observância dos sonhos e presságios, como na batalha de Filipos: aconselhado pelo sonho de um amigo a deixar a tenda onde pretendia ficar, salva-se, pois o campo e a sua tenda foram assaltados (*Aug.* 91.1-2). Em relação aos cultos estrangeiros, manifesta respeito reverente pelas práticas religiosas *ueteres ac praeceptae*, como os mistérios de Elêusis, e desprezo pelas restantes (boi Ápis, judaísmo) (*Aug.* 93).

**28.** Suetônio, *Aug.* 79.2, nota, com um *tamen*, a contradição entre *statura breuis*, e os cinco pés e três quartos (1.70m) indicados por Júlio Máximo, biógrafo de Augusto.

**29.** Para Martin, 1991, 53, os sinais corporais em forma da ursa (*Aug.* 80), em paralelo com os sinais de sua mãe Ácia, apresentados mais à frente, contribuem para a formação do mito.

**30.** Censura o estilo de Tibério, que era obscurecido pela *adfectatio et morositas nimia* (*Tib.* 70.1). Suetônio coloca-se entre as duas tendências: o estilo que Asínio Polião e Augusto aconselham, e que Cícero atribui a César (*Jul.* 55): *... atque [Cicero ad Brutum] eum [scil. Caesarem] elegantem, splendidam quoque atque etiam magnificam et generosam quodam modo rationem dicendi tenere*. Apesar de admirador de Cícero, Suetônio não segue na forma o Arpinate: prefere um estilo simples, claro e eficaz. Vide D'Anna, 1954, 94-111; Della Corte, 1967, 36-9; Cizek, 1977, 14-20.

Este retrato do *religiosus* respeitador da tradição romana serve de pretexto para relatar os prodígios que marcaram, como predestinada, a vida de Augusto. E a organização *per species* adquire aqui o aspecto de uma longa (94-97) analepse que recupera momentos importantes desde o início da vida, e mesmo antes de esta ter início (*Aug.* 94.1), analisados numa óptica sobrenatural, acompanhados dos respectivos sinais. Augusto aparece, na perspectiva messiânica, como um rei esperado, cuja vinda foi profetizada desde tempos antigos (*Aug.* 94.2-3) e a sua concepção é associada a Apolo (*Aug.* 94.4)<sup>31</sup>:

*In Asclepiadis Mendetis Theologumenon libris lego, Atiam, cum sollemne Apollinis sacrum media nocte uenisset, posita in templo lectica, dum ceterae matronae dormirent, obdormisse; draconem repente irrep-sisse ad eam pauloque post egressum; illam expergefactam quasi a concubitu mariti purificasse se; et statim in corpore eius extitisse maculam uelut picti draconis nec potuisse umquam exigi, adeo ut mox publicis balineis perpetuo abstineret; Augustum natum mense decimo et ob hoc Apollinis filium existimatum. Eadem Atia, prius quam pareret, somniauit intestina sua ferri ad sidera explicarique per omnem terrarum et caeli ambitum. Somniauit et pater Octauius utero Atiae iubar solis exortum.*

Leio nos 'livros da dissertação sobre a natureza divina' de Asclepiades de Mendes que Ácia tinha vindo a uma cerimónia solene de Apolo a meio da noite, e, depois de colocada a liteira no templo, enquanto as restantes matronas dormiam, se deixou também adormecer; que, de súbito, uma serpente rastejou até junto dela e pouco depois se retirou; que ela, depois de acordar, se purificou, como se viesse da união carnal com o marido; e que imediatamente no corpo dela apareceu uma marca, como uma serpente tatuada, e que nunca mais a conseguiu retirar, a ponto de, depois, se abster dos banhos públicos para o resto da vida; que no décimo mês nasceu Augusto e, devido àquele acontecimento, foi considerado filho de Apolo. A mesma Ácia, antes de dar à luz, sonhou que as suas entranhas eram elevadas aos astros e se estendiam a toda a volta da terra e do céu. Também o pai, Octávio, sonhou que do ventre de Ácia saía a luz do sol.

Trata-se de um *topos* da concepção divina de vários heróis, entre os quais Alexandre Magno (Plutarco, *Alex.* 2.6-3.2)<sup>32</sup>. Muitos outros prodígios se seguem ao longo da sua vida prognosticando um destino grandioso. A crença nestes prodígios confere a Augusto uma sabedoria oracular (96), o conhecimento prévio do desenlace de todas as guerras: entre outras, na batalha de Filipos, o próprio fantasma de César anuncia a vitória (*Aug.* 96.1)<sup>33</sup>; e em Áccio dá-se a subtilidade de lhe aparecer ao caminho um burriqueiro chamado Êutico («afortunado») com um burro de nome Nícon («vencedor»), aos quais erigiu depois um grupo escultórico (*Aug.* 96.2; vide Néraudau, 1996, 138; Manfredini, 1986, 481-3). Os prodígios são mistificação da propaganda política, mas Suetônio não mostra ceticismo. Esta lista de sinais prepara a apoteose de Augusto.

### 3.2. O género de morte: o *mimus vitae*

O relato da morte é introduzido pelos presságios que a anunciam (*Aug.* 97.1), sinais que indicam inclusivamente a Augusto a data da sua própria morte (97). Os bons imperadores são premiados por Suetônio com mortes dignas. E os últimos dias de Augusto são uma espécie de retiro: a preparação pessoal e familiar para o trespasse. No contexto da viagem para a Campânia (para acompanhar até Benevento Tibério, que estava de partida para a Ilíria), Suetônio insere um episódio que significa o reconhecimento do orbe ao poder de Augusto (*Aug.* 98.2):

**31.** Cf. Dión Cássio 45.1. Apolo é o oposto de Dioniso, a quem António está ligado, cf. Néraudau, 1996, 121.

**32.** Vide Lorsch, 1997, 790-9; Martin, 1991, 329-30. Para outros heróis foi usado o mesmo *topos*: do lado grego, Arístomenes e Arato (Pausânias, 4.14.4-7); do lado romano, Cipião, o Africano (Tito Lívio, 29.19.6; Sílio Itálico, 13.634-644; Aulo Gélíio, 6.1-5).

**33.** Em Dión Cássio, 47.41.2, o fantasma não anunciou a vitória, mas que a batalha se travaria no dia seguinte. Parece que Suetônio transformou em presságio de vitória a visão do tessálio, a fim de provar a sua tese de 96.1: *Quin et bellorum omnium euentus ante praesensit*. Cf. Gasco, 1984, 181-2.

*Forte Puteolanum sinum praeteruehenti uectores nautaeque de nauī Alexandrina, quae tantum quod appulerat, candidati coronatique et tura libantes fausta omina et eximias laudes congesserant: 'per illum se uiuere, per illum nauigare, libertate atque fortunis per illum frui'.*

Quando atravessava, um dia, a baía de Putéolos, os passageiros e os tripulantes de um navio de Alexandria, que acabara justamente de aportar, vestidos de branco e coroados com grinaldas, não só lhe ofereceram incenso, como também o cumularam de bons augúrios e de extraordinários louvores: 'Por ele viviam, por ele navegavam; da liberdade e da felicidade por ele fruíam'.

Trata-se aparentemente de uma cerimónia litúrgica, pelo aparato (roupas, flores, incenso) e pelo ritmo da invocação: provavelmente, a expressão de um credo religioso e político que retoma um tema recorrente da propaganda augustana: a paz universal e a segurança dos mares (e que parece subentender a assimilação do príncipe a Júpiter, como causa última, conforme sugere Rocca-Serra, 1974, 671-80). O seu culto estende-se ao Oriente, onde a divinização era mais facilmente reconhecida. No ambiente campano, em que passa os últimos dias, opera-se a síntese entre a cultura helénica e romana, simbolizada na narrativa por uma permuta simbólica de vestuário e de língua entre gregos e latinos, por sugestão do «monarca», bem como pela assistência deste ao costume grego dos jogos dos efébos de Cápreas. Nesta ilha são passados dias de descontração na companhia de amigos, Lúvia e Tibério, este de partida para a Ilíria.

A longa conferência secreta que entabula com Tibério (mandado regressar com urgência), a sua última actividade oficial, cria algum mistério na passagem do testemunho e gera alguns rumores sobre a intervenção de Lúvia na transmissão do poder, que Suetónio omite, para não perturbar a perfeição desta morte<sup>34</sup>. A posição de Tibério como sucessor parecia nessa altura tão segura, que talvez não se justificassem tais cuidados (como salienta Carter, 1986, 204)<sup>35</sup>, mas, por outro lado, podia existir sempre o perigo de alguma revolta<sup>36</sup>. De resto, há que pensar que a situação era inusitada, pois não havia precedentes para tal sucessão. Mas tais reflexões não ocupam o biógrafo. O relato do último dia assemelha-se ao da morte de um sábio (*Aug.* 99-100.1):

*Supremo die identidem exquirens, an iam de se tumultus foris esset, petito speculo capillum sibi comi ac malas labantes corrigi praecepit et admissos amicos percontatus, 'ecquid iis uideretur mimum uitae commode transegisse', adiecit et clausulam: ἐπεὶ δὲ πάνυ καλῶς πέπαισται, δότε κρότον/καὶ πάντες ἡμᾶς μετὰ χαρᾶς προπέμψατε. Omnibus deinde dimissis, dum aduenientes ab urbe de Drusi filia aegra interrogat, repente in oculis Lúviae et in hac uoce defecit: 'Lúvia, nostri coniugii memor uiue ac uale!' Sortitus exitum facilem et qualem semper optauerat. Nam fere quotiens audisset cito ac nullo cruciatu defunctum quempiam, sibi et suis εὐθανασίαν similem – hoc enim et uerbo uti solebat – precabatur. Vnum omnino ante efflatam animam signum alienatae mentis ostendit, quod subito pauefactus a quadraginta se iuuenibus abripi questus est. Id quoque magis praesagium quam mentis deminutio fuit, siquidem totidem milites praetoriani extulerunt eum in publicum. Obiit in cubiculo eodem, quo pater Octauius, duobus Sextis, Pompeio et Apuleio, cons. XIII. Kal. Septemb. hora diei nona, septuagesimo et sexto aetatis anno, diebus V et XXX minus.*

No derradeiro dia, enquanto perguntava sem cessar se havia agitação lá fora por causa dele, depois de pedir um espelho, mandou pentear os cabelos e compor as maçãs do rosto descaídas e perguntou aos

**34.** Tácito (*Ann.* 1.5.3-4) afirma que Tibério já tinha chegado à Ilíria e teria sido chamado por uma carta urgente de Lúvia; além disso, deixa a suspeita de que quando ele chegou a Nola, Augusto já teria morrido havia vários dias, e que Lúvia mantivera a sua morte em segredo para assegurar a sucessão ao filho.

**35.** Pode até acontecer, como suspeita este autor, que Suetónio estivesse a corrigir deliberadamente a afirmação da Tácito, cuja obra tinha sido publicada escassos anos antes.

**36.** Havia Agripa Póstumo, o neto que Augusto mandara exilar a pretexto de que tinha um carácter intratável, e que foi eliminado de forma suspeita na mesma altura (cf. *Tib.* 22).

amigos que recebera se por acaso lhes parecia que tinha representado bem o mimo<sup>37</sup> da vida; e acrescentou a fórmula de remate: 'Já que foi muito bem representado, dêem-me o vosso aplauso/e todos, com alegria, deixem-me partir à frente'. Em seguida, depois de os despedir a todos, enquanto interroga os que chegam da cidade sobre a doença da filha de Druso, desfalece subitamente, entre os beijos de Lúvia, com estas palavras: 'Lúvia, vive na lembrança da nossa união, e adeus!' Coube-lhe em sorte ter um fim fácil, como sempre desejara. De facto, quase sempre que ouvia dizer que alguém tinha morrido sem qualquer sofrimento, formulava logo os votos para si e para os seus de uma semelhante *euthanasia* – pois era este o termo que costumava usar. Foi somente um o sinal de confusão mental que mostrou antes de exalar o último suspiro, pois se lamentou aterrorizado de que era arrebatado por quarenta jovens. Além disso, o dito foi mais um presságio do que uma falha da mente, já que foi esse mesmo o número de soldados pretorianos que o carregaram para o espaço público. Morreu no mesmo quarto que o seu pai Octávio, no consulado de dois Sextos, Pompeio e Apuleio, no décimo quarto dia antes das calendas de Setembro, pela hora nona, com a idade de setenta e seis anos menos cinco dias.

Para a história fica aquela cláusula de comédia ou mimo com que Suetónio faz Augusto fechar a sua própria vida. Augusto gostava de comédia (sobretudo a antiga: cf. *Aug.* 89.1), e serve-se de uma fórmula que, embora o texto esteja muito corrupto nos manuscritos<sup>38</sup>, parece ser o fecho de um mimo<sup>39</sup>. Poderá ser uma improvisação do próprio imperador, que tinha facilidade em compor versos em grego (*Aug.* 98.4; Kessissoglu, 1988, 385-8). Se foi um dito real do imperador, pode nem ter sido pronunciado no momento derradeiro, mas apenas integrado nesse contexto pela tradição.

Augusto parece sugerir que toda a sua vida foi uma representação<sup>40</sup>, pelo que mantém a *mise-en-scène* até ao último momento, como se há muito tivesse preparado este final (Néraudau, 1996, 8-9). No entanto, a associação da vida de Augusto a um mimo não implica (também pelo facto de ser assumida pela personagem) reprovação por parte de Suetónio (como acontecerá em outros casos), mas a constatação de que a vida deste homem foi a representação realista, com aspectos bons e maus, ainda que o bem superasse o mal, e, por isso, merecesse aplauso<sup>41</sup>.

É significativo que Suetónio, apesar da propensão para as versões mais escandalosas, não sugira qualquer indício de assassinio, como faz Tácito e Díon Cássio<sup>42</sup>, ou porque não acredita nessa possibilidade, ou para não macular a morte de Augusto, que deveria ser modelar. Além disso, esta morte é mais um elemento na construção do mito.

Em suma, quando, passados mais de cem anos sobre a morte de Augusto, Suetónio escreve a sua *Vida*, o *princeps* pertence ao domínio da lenda, atingiu proporções sobrenaturais. Suetónio apresenta os factos conhecidos, reinterpretados à luz da divindade. É a singularidade de reencontrar o deus, de modo paradoxal, no mortal, com os seus defeitos. Octávio, como Júlio César, representava-se, desde o início, como um predestinado (Grimal, 1986, 729-38). A transformação do jovem cruel no príncipe magnânimo tem, pelo notável contraste, um efeito positivo: se na primeira parte da

**37.** Optamos aqui, por nos parecer que faz mais unidade de sentido com o subsequente e pelo paralelo com Díon Cássio (56.30.4), pela lição *mimum*, P2 (*Beroaldus*), em vez de *mi[ni]mum* da ed. de Ihm.

**38.** A fórmula, segundo Monaco, 1970, 255-73, é retirada da comédia *nea* (na antiga não existia) e imitada pelos autores latinos da *palliata*.

**39.** Fornaro, 1988, 162, considera mais provável que se trate de uma *clausula mimi*, improvisada pelo próprio Augusto, como complemento irónico da associação da sua vida a um mimo. Sobre o sentido de humor de Augusto, vide Southern, 1998, 136

**40.** Segundo Néraudau, 1996, 41-2, o argumento do mimo é a mitificação que Augusto assumiu através de todas aquelas histórias prodigiosas que circulavam sobre si mesmo desde a sua concepção.

**41.** Fornaro, 1988, 155-67, defende que a cláusula teatral é metáfora ética que expressa a consciência do dever cumprido e não tem, em Suetónio, o sentido pejorativo de hipócrita «farsa da vida», que lhe tem sido dada pelos intérpretes do biógrafo latino (e por Díon Cássio, 56.30.4), mas equivale a uma representação sem máscara.

**42.** Com efeito, Tácito (*Ann.* 1.5.4) menciona o rumor da responsabilidade de Lúvia na morte de Augusto. E Díon Cássio (56.30.2) sugere que Lúvia lhe teria dados figos envenenados, o que, *mutatis mutandis*, parece um decalque da narrativa sobre a morte de Cláudio. Vide Martin, 1955, 123-28; Questa, 1959, 41-55; Martin, 1991, 350-52.

vida há elementos que geram um sentimento altamente desfavorável ao jovem Octávio, devido à sua crueldade, com o decorrer dos capítulos sobre uma governação eficaz, sobre a clemência e a modéstia, o leitor vai esquecendo os erros e experimenta admiração pelo fundador do novo Estado. Depois de dar a sua adesão, o leitor é convidado a dar a sua simpatia: é levado a experimentar compaixão pelos numerosos infortúnios do imperador, também elencados por Plínio (*Nat.* 7.46). Pretende-se, pois, *delectare e mouere*, mas também *docere*: não se trata apenas de arte pela arte, mas está implícito um ideal imperial que o biógrafo reforça através da sua organização dos acontecimentos; e Augusto torna-se modelo para muitos imperadores. Mas também fica claro que as *Vidas*, para serem entendidas e apreciadas, têm de ser lidas continuamente, como género autónomo da história, sob pena de parecerem uma «manta de retalhos», acusação injusta de que o biógrafo é frequentemente vítima por quem lhe dedica uma abordagem esparsa, apenas como fonte histórica.

## BIBLIOGRAFIA

- BALDWIN, B. (1983): *Suetonius*, Amsterdam.
- BENARIO, H. W. (1975): «Augustus princeps», *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II.2*, Berlin, pp. 75-85.
- BRADLEY, K. R. (1991): «The imperial ideal in Suetonius' Caesares», *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II.33.5*, Berlin, pp. 3701-3732.
- BRANDÃO, J. L. (2009): *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*, Coimbra.
- BRANDÃO, J. L. (2012): *Vidas de Galba e Otão*, Coimbra.
- CARTER, J. M. (2012): *Suetonius: Divus Augustus*. Edited with Introduction and Commentary, Bristol.
- CIZEK, E. (1977): *Structure et idéologie dans les Vies des douze Césars de Suétone*, Paris.
- D'ANNA, G. (1954): *Le idee letterarie di Suetonio*, Firenze.
- DELLA CORTE, F. (1967): *Svetonio eques Romanus*, Firenze.
- FORNARO, P. (1988): «Una vita senza maschera, Suet. Aug. xcix, 1», *Civiltà Classica e Cristiana* 9, Genova, pp. 155-167.
- FRANCO, C. (1989): «Il lungo sonno di Ottaviano», *Studi Classici e Orientali* 39, Pisa, pp. 257-264.
- GASCOU, J. (1984): *Suétone historien*, Paris.
- GOLDSWORTHY, A. (2014): *Augustus. From revolutionary to Emperor*, London.
- GRIMAL, P. (1986): «Suétone historien dans la Vie d'Auguste», *Rome. La littérature et l'histoire* 2, Paris/Roma, École Française de Rome, II, pp. 729-738.
- KESSISSOGLU, A. I. (1988): «Mimus vitae», *Mnemosyne* 41, Leiden, pp. 385-388.
- LEVICK, B. (1972): «Abdication and Agrippa Postumus», *Historia* 21, Stuttgart, pp. 674-697.
- LEWIS, R. G. (1991): «Suetonius' Caesares and their literary antecedents», *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II.33.5*, Berlin, pp. 3623-3674.
- LORSCH, R. S. (1997): «Augustus' conception and the heroic tradition», *Latomus* 56, Bruxelles, pp. 790-799.
- MANFREDINI, M. (1986): «L'asinaio di Azio», *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa* 16, Pisa, pp. 481-483.
- MARTIN, R. (1991): *Les douze Césars: du mythe à la réalité*, Paris.
- MARTIN, R. H. (1955): «Tacitus and the death of Augustus», *Classical Quarterly* 49 (5, new ser.), Cambridge, pp. 123-128.
- MCDERMOTT, W. C. (1972): «Suetonius and the second proscription», *Gymnasium* 79, Berlin, pp. 495-499.
- MONACO, G. (1970): «Spectatores, plaudite», *Studia Florentina A. Ronconi oblata*. Roma, Ateneo, pp. 255-273.
- NÉRAUDAU, J. P. (1996): *Auguste. La brique e le marbre*, Paris.
- PICÓN GARCÍA, V. 1984: «Superstitio, un indicio de la romanidad de Suetonio», *Apophoreta philologica E. Fernández-Galiano oblata, Estudios Clásicos: Organo de la Sociedad Espanola de Estudios Clásicos* 26, Madrid, pp. 323-328.
- QUESTA, C. (1959): «La morte di Augusto secondo Cassio Dione», *La Parola del Passato: Rivista di Studi Antichi* 14, Napoli, pp. 41-55.
- ROCCA-SERRA, G. (1974): «Une formule culturelle chez Suétone (Divus Augustus, 98,2)», *Mélanges de Philosophie, de Littérature et d'Histoire Ancienne offerts à P. Boyancé*, Rome, pp. 671-680.

- ROLFE, J. C. (1913): *Suetonius I*, Cambridge (reimpr. de 1979).
- SALMON, E. T. 1956: «The evolution of Augustus' principate», *Historia* 5, Stuttgart, pp. 456-478.
- SOUTHERN, P. (1998): *Augustus*, London.
- TIMONEN, A. (1993): «Emperors ars recusandi in biographical narrative», *Arctos. Acta Philologica Fennica* 27, Helsinki, pp. 133-148.
- TOWNEND, G. B. (1967): «Suetonius and his influence», in T. A. Dorey, ed. *Latin biography*. London, pp. 79-111.
- VIDÉN, G. (1993): *Women in Roman literature. Attitudes of authors under the early empire*, *Acta Universitatis Gothoburgensis*, 65-90, Gotëborg.
- WALLACE-HADRILL, A. (1984): *Suetonius. The scholar and his Caesars*, New Haven.
- WARDLE, D. (1994): *Suetonius' Life of Caligula. A commentary*, Bruxelles.
- WARDLE, D. (2012): «Suetonius on Augustus as god and man», *The Classical Quarterly* 62, pp. 307-326.
- WARMINGTON, B. H. (1999): *Suetonius Nero. text, with intr. & notes*, Bristol.

**CELEBRAÇÃO DO BIMILENÁRIO DE AUGUSTO** *AD NATIONES. ETHNOUS KALLAIKON*

---



**BRAGA**  
Cidade autêntica

ISBN: 978-989-99600-0-8



9 789899 960008